

***La Nueva Canción chilena.
El poder político de la música
1960-1973***

J. Patrice McSherry

LOM Ediciones, Santiago, 2017, 265 páginas.

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Universidade de Ceará, Fortaleza, Brasil

Email: anameliamelo@gmail.com

A publicação em espanhol deste livro da pesquisadora norte-americana J. Patrice McSherry, representa um importante ganho não só para historiadores e cientistas sociais que estudam esse rico e ainda doloroso período da história recente do Chile. É uma importante contribuição para um público maior de leitores chilenos e latino-americanos não acadêmicos e intensamente interessados em compreender um dos aspectos mais bonitos e impactantes da Unidade Popular que foi o Movimento da Nova Canção Popular.

Como nos apresenta a autora, a pesquisa foi iniciada em 2010 e publicada nos Estados Unidos em 2015 e agora dois anos depois, a editorial LOM, marcada por cuidadosas publicações de pesquisas inovadoras lança este belo trabalho que consegue aliar o rigor acadêmico à sensibilidade no trato de um tema que ainda mobiliza àqueles que acompanham os músicos e grupos que marcaram tão vivamente o que foi a Unidade Popular e o governo Allende.

J. Patrice McSherry, cientista política e professora de Long Island University (LIU) de Nova York é conhecida por seu trabalho sobre a Operação Condor e por este estudo recentemente lançado em Santiago, recebeu o prêmio Cecil B. Currey Book Award, da *Association of Global South Studies* em 2015. O volume, dividido em oito capítulos, procura compreender o que foi o que ela chama de Movimento da Nova Canção Chilena. Além de identificar, em termos gerais quais eram as condições econômicas e políticas da sociedade chilena nos anos 1960 e 70, no período que antecedeu as eleições de Salvador Allende e as aspirações de transformação contidas em seu projeto de construção do socialismo pela via institucional e pacífica, a autora expõe com clareza sua abordagem teórica feita a partir das discussões de Antonio Gramsci sobre o papel dos intelectuais e da cultura na construção de hegemônias, assim como da

necessidade desses intelectuais de desenvolver uma perspectiva contra hegemônica. Para a autora, o movimento da Nova Canção Chilena foi um dos mais importantes atores políticos que exerceu esse papel contra hegemônico.

Os capítulos primeiro e segundo situam historicamente a formação da Nova Canção, identificando as origens culturais populares e os contextos políticos e sociais tanto nacionais como internacionais que contribuíram para a formação do movimento. Ainda que a perspectiva seja bastante genérica, tendo em vista o recorte temático objeto de seu estudo, ambos capítulos possibilitam entender a forma como a música e poesia que configuram a Nova Canção, estavam entranhadas na cultura popular e encontravam suas raízes nas experiências de vida de homens comuns, camponeses, trabalhadores e indígenas. Seria precisamente os trabalhos de resgate e pesquisa realizados por Violeta Parra, Margot Loyola, Gabriela Pizarro e Héctor Pavez que tornaram possível o surgimento desse movimento cultural. A autora situa historicamente o momento de formação disso que ela aponta, muito acertadamente, como um movimento que nasce espontaneamente a partir de diversas experiências artísticas populares dos anos 1960 e 70. Destaca ainda que não foi um movimento dirigido ou controlado por partidos de esquerda, porém se identificou com uma visão de mundo alternativa. A Nova Canção chilena encontrou no projeto político da Unidade Popular a expressão do compromisso com a transformação social. A pesquisa, como pode-se ver, não se limita a buscar apenas as bases culturais da Nova Canção, mas entende-la como parte de um clima político de transformações sociais. Ela consegue trazer para a escrita o que Patricio Guzmán fala no Documentário *Batalha do Chile*, de que existiu naquele momento um incomum clima de *enamoramiento*, de entusiasmo em torno da figura de Allende e do projeto da Unidade Popular.

No terceiro capítulo, a autora identifica a existência de três fases distintas da Nova Canção: uma primeira que se inicia a mediados dos anos 1960 e vai até 1969, quando estes artistas se juntam na campanha presidencial de Salvador Allende. Esta fase foi marcada por uma efervescência social e política onde a música expressava as condições mais reais do homem do campo e da exploração. Era uma música que expressava uma consciência social acentuada. Uma data de referência é o ano de 1964, quando o Democrata Cristão Eduardo Frei é eleito presidente com a ideia de “Revolução em liberdade”. Opondo-se a Salvador Allende, procura captar setores populares, afirmando a necessidade de reformas sociais. As aspirações de transformações sociais emergiam com toda força e alguns músicos começava a expressar mais claramente estes anseios. Nestes anos, se por um lado, as rádios comerciais eram inundadas pelo rock americano e pela música europeia, em Santiago e outras cidades do país aconteciam as *Peñas*, espaços informais e simples onde os músicos se reuniam e compartilhavam com o público suas composições. Os temas, os instrumentos e a música eram voltados para as raízes populares, indígenas e camponesas.

A segunda fase apontada pela autora se inicia justamente com a vitória de Salvador Allende nas eleições de 1970. A Nova Canção se define como um movimento identificado com uma perspectiva contra hegemônica. Engajada intensamente na Unidade Popular, este foi um dos períodos mais ricos e centrais da Nova Canção no qual alcançam grande popularidade grupos como Inti-Illimani e Quilapayún. Foi também neste momento que se cria o selo discográfico DICAP (Discoteca del Cantar Popular).

Uma terceira fase descrita pela autora foi a partir de 1973, com o golpe militar e a constituição da Junta Militar encabeçada por Augusto Pinochet. Neste período fica claro a importância simbólica da Nova Canção e seu poder de mobilização que a ditadura procura eliminar com a perseguição aos seus músicos e a morte violenta de um dos mais importantes de seus representantes: Victor Jara.

Estas três etapas são desenvolvidas por J. Patrice McSherry, ao longo dos capítulos do livro com o cuidado teórico e metodológico de uma investigação acadêmica rigorosa. A referência teórica, como dissemos, pautada na noção de Gramsci de intelectual orgânico e no papel que eles desempenham na construção de hegemonia, é enriquecida com um número abundante de entrevistas realizadas durante os anos de 2011 a 2013, com os principais músicos que construíram o movimento da Nova Canção, o que permite ao leitor saborear uma história política que passa pela sensibilidade e que marcou toda uma geração. Além dessas entrevistas a investigação traz um levantamento atualizado da bibliografia recente sobre o assunto, produzidas seja no Chile ou nos Estados Unidos. No entanto, o tratamento das fontes deixa entrever a ausência de uma documentação produzida nos anos 1960 e 1970, durante o período em que surge a Nova Canção.

Se por um lado as entrevistas nos permitem compreender a memória que estes atores preservaram e elaboram sobre o processo de construção desse movimento, por outro, levantam justamente a interrogação de como, no pleno acontecimento, eles perceberam sua atuação e a dinâmica que estavam gerando e como foram vistos pela sociedade naqueles anos. Ou seja, enquanto sujeitos, em pleno processo de construção, como entenderam sua participação como artistas na política e seu papel nas transformações da sociedade e da mesma forma, como foram percebidos pela sociedade no meio dos embates desses anos da Unidade Popular? Talvez as discussões da imprensa dos anos 1960 e 1970 nos permitissem compreender melhor as polêmicas da época e, provavelmente, enriqueceriam nosso entendimento sobre a visão construída pelos próprios sujeitos sobre seu passado, quarenta anos depois, conforme podemos ver nas entrevistas. Essas visões reinterpretam esses acontecimentos à luz dos fatos e experiências que se sucederam após o golpe e o exílio.

Contudo, o livro não apenas é uma excelente contribuição para os estudos sobre a política e cultura no emblemático Chile da Unidade Popular como também nos convoca para pensar sobre múltiplas questões que ainda carecem de exame e investigação minuciosa.